

# PELOS CAMINHOS DO ECOFEMINISMO

GERALDINA CÉSPEDES, OP

El Limón, Guatemala

Há duas realidades de nossos dias que nos estão solicitando uma mudança de mentalidade na maneira de perceber e de viver a relação com o cosmos e a relação entre homens e mulheres: a deterioração do meio ambiente e a violência para com as mulheres. Precisamente, com o objetivo de responder ao desafio que essas duas grandes questões nos apresentam, surge a corrente denominada ecofeminista, que analisa a conexão entre a crise ecológica e a crise do patriarcado, que nos mostra que nosso sonho de outro mundo possível há de articular a luta pela sustentabilidade do meio ambiente com a luta pelas relações justas e equitativas entre homens e mulheres.

O ecofeminismo tenta saltar de uma só vez dois pássaros de uma mesma jaula, ao buscar curar e libertar a partir da escuta os dois gritos que hoje expressam com mais força o sofrimento eco-humano: o grito da terra e o grito das mulheres. É uma perspectiva que indica a relação existente entre dois dos movimentos mais importantes de nossa época: o movimento feminista e o movimento ecológico que, junto a outros movimentos, estão sacudindo as referências tradicionais em nossa forma habitual de entender o mundo.

O ecofeminismo se opõe à apropriação patriarcal tanto da natureza como das mulheres – consideradas objetos de dominação para o crescimento do capital – e ao modelo dominante de desenvolvimento, baseado no crescimento, no lucro e na sua estratégia de modernização, que tem tido como resultado a destruição da diversidade biológica e cultural. Um dos traços fundamentais do ecofeminismo é que percebe a interconexão entre todas as formas de opressão e violência que afetam as mulheres e a natureza.

Assim, quer se opor à *apropriação masculina da agricultura e da reprodução* (fertilidade da terra e fecundidade da mulher), que não é mais que uma consequência do desenvolvimentismo ocidental de tipo patriarcal e econômico. A referida apropriação se manifesta especialmente nos dois efeitos perniciosos para a natureza e para as mulheres: a superexploração da terra e a mercantilização da sexualidade feminina,

cujas expressões mais degradante é constituída hoje em dia pelo tráfico de meninas e mulheres.

O atual modelo econômico, baseado na obtenção do benefício máximo, necessita do sistema patriarcal, quer dizer, precisa que alguns dominem os outros para poder se manter. O ecofeminismo busca derrubar essa mentalidade patriarcal que não somente considera as mulheres como cidadãs de segunda categoria, mas usa a natureza como objeto de dominação e lucro, submetendo-as a partir de uma visão hierárquica e sexista do mundo. A partir de uma mentalidade patriarcal, a terra e as mulheres são reduzidas a objetos, e as duas devem ser conquistadas, submetidas e violadas. Não é por acaso que se usa o mesmo vocabulário machista para se referir às mulheres e à natureza.

O ecofeminismo analisa também a vinculação entre patriarcado, militarismo e destruição do meio ambiente. As guerras levam em seu bojo a destruição da natureza: seres humanos, plantações, animais, contaminação do ar, da água e dos solos, etc. Muitos conflitos atuais, que frequentemente somente são considerados a partir da perspectiva política e econômica, têm a ver com a crise do meio ambiente e com a imposição de um paradigma patriarcal e androcêntrico que não fez mais que desumanizar tanto o homem como a mulher.

Ao analisar os diferentes sintomas da degradação do meio ambiente captamos sua relação com o crescimento da separação entre ricos e pobres, percebendo-a como um problema de injustiça na relação Norte-Sul. O Norte não somente consome suas próprias matérias-primas mas mais de 60% dos alimentos que produz o Planeta, mais de dois terços dos metais e da madeira que se extrai no mundo inteiro, e queima 70% da energia. Esse desperdício de recursos e energias por parte dos países do Norte é insustentável (ou seja, injusto) sob todos os pontos de vista (do meio ambiente, ético, religioso) e está produzindo consequências cada vez mais nefastas para os pobres, vividas de uma forma mais brutal pelas mulheres pobres, que são as que sofrem mais de perto os efeitos nefas-

tos de um sistema que se sustem sobre três grandes fábricas: da violência, de lixo e da miséria.

Esse é o contexto em que surge o ecofeminismo como uma *filosofia*, uma *espiritualidade* e uma *teologia* ligadas às necessidades fundamentais da vida e à subsistência, uma perspectiva muito próxima das mulheres pobres do Sul, que são as mais afetadas pela fome e pela desnutrição, o analfabetismo e a falta de terra. São elas que têm de viver em lugares inseguros e moradias indignas, em solos minados, contaminados com tóxicos, expostas a radiações nucleares. São elas que ocupam os lugares mais ameaçados do ecossistema e que sentem na própria carne as ameaças que lhes impõe o desequilíbrio ecológico.

As *preocupações* da nova consciência ecológica e feminista se articulam em torno de três eixos: 1) a sustentabilidade ecológica e social, baseada em relações de irmandade/fraternidade para com a natureza e entre os seres humanos; 2) o respeito e a preservação da diversidade biológica e cultural no meio de um sistema que busca a uniformidade e a destruição das diferenças; 3) a participação e a comunicação nas relações sociais e nas formas de governo, inspiradas na democracia como valor a ser vivido em todos os níveis de nossa vida (família, relações entre homens e mulheres, escola, sindicato, igrejas, religiões, movimentos de base, organizações, Estado, etc.). Assim, pois, quando falamos de ecofeminismo estamos nos referindo a uma nova visão do mundo, do cosmos e de toda a realidade que nos desafia a buscar formas organizacionais, nas quais se dê uma democracia inclusiva da qual todos e todas participamos, incluindo a natureza.

O *crescimento da consciência ecofeminista* é um dos sinais da presença do Espírito em nosso mundo. Trata-se de uma perspectiva que nos deve manter atentos ao mesmo tempo para o movimento ecológico e para o feminista, pois nos indica que a análise da crise ecológica não atingirá o cerne da questão, enquanto não vir a conexão entre a exploração da terra e da definição e o tratamento sexista para as mulheres. Faz-nos notar também que a teoria e a prática feminista têm de incluir uma perspectiva ecológica e as soluções dos problemas do meio ambiente. O ecofeminismo atinge esse propósito ao colocar uma forte ênfase na *relacionalidade* e na *interdependência*

entre todos os seres, como princípio absolutamente fundamental para a manutenção da vida. Ao tomar a relacionalidade como princípio fundante de nossa vida, somos capazes de superar as hierarquizações e as separações que estabelecemos entre a natureza e os seres humanos, e nos encaminhamos para superar o complexo de superioridade dos humanos diante do resto dos seres e de superioridade dos homens diante das mulheres, dos brancos diante dos negros, dos usurpadores diante dos indígenas, etc. Ao perceber a articulação entre as opressões de classe, sexo e raça, e ao assumir que a luta pela liberdade há de abarcar todos os níveis, o ecofeminismo é uma postura político-crítica relacionada com a antirracista, antissexista, antielitista e antimilitarista. Os princípios do ecofeminismo questionam não somente a composição hierárquica do mundo, as organizações e as igrejas, mas também as filosofias, as antropologias e as teologias que fundamentam essa estruturação.

Outro elemento chave do ecofeminismo é a *afirmação da sacralidade do corpo humano e do corpo cósmico*. A ressacralização poderia ser o fundamento de uma relação não dominante para com a natureza. Todos os humanos e tudo o que existe constitui um único e sagrado corpo que somente pode sobreviver no equilíbrio e na articulação de suas diferenças. Formamos parte da história do universo e estamos ligados/as a seus processos de evolução.

Precisamos de nova espiritualidade que nos ajude a superar o hábito *depredador*, para nos situarmos em uma postura mais valorizadora e respeitosa do mistério da criação. Trata-se de buscar não somente a viabilidade de alguns, mas de todas e de todos; não somente dos seres humanos, mas de buscar que também seja preservada a evolução de todos os processos vitais e procurar que não se interrompa o fluxo da vida, e que vivamos com uma atitude de humildade, conscientes de que, como dizia o chefe índio de Seattle, o ser humano não teceu o tecido da vida, mas é simplesmente um de seu fios.

O ecofeminismo é um paradigma holístico e incluyente que sonha em reorientar as relações injustas da sociedade. É um convite a repensar o que significa ser homem e ser mulher, o que significa morar nesta casa comum e garantir uma vida boa (e não uma «boa vida») na linha do que Jesus nos diz: «Vim para que tenham vida e a tenham em abundância» (Jo 10,10). 